

Aspectos do signo linguístico na composição da cor ideal ("semântica ambiental" em Carlo Levi)

Amarilis Gallo Coelho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A complexidade dos aspectos sociolinguísticos da Itália vem sendo tema privilegiado pelos estudos da narrativa italiana no desenvolvimento de argumentos históricos, culturais e sociais, ou como simples artifício de estilo. O uso dos dialetos, por exemplo, tem sido enriquecido pelas mais variadas conotações. O escritor italiano Carlo Levi apresenta, em sua narrativa de estilo cromático, um grande interesse linguístico e filológico. Este estudo, através dos signos linguísticos do texto de Levi, visa chegar ao *quadro* ambiental do Sul italiano.

PALAVRAS-CHAVE: literatura - pintura - semântica - signo - índice - ícone - símbolo - cor.

The complexity of the sociolinguistics aspects of Italy has been one of the privileged issues in Italian narrative studies. The focus is generally on the development of historical, cultural and social arguments, and on an understanding of these aspects as stylistic artifices. The use of dialects, for example, has been a rich source of meanings. The Italian writer Carlo Levi shows, by means of his chromatic narrative, a great interest in linguistics and philology. Through the analysis of Levi's linguistic signs, this article aims at describing the environmental representation of the Italian South.

Key words: literature – picture – semantics – sign – index – icon – symbol – colour

I

Carlo Levi (1902-1975), escritor italiano que objetiva documentar as peculiaridades e a diversidade social de seu país, utiliza, além do léxico colorido constante em sua obra, outros artifícios de linguagem, onde signos específicos tornam-se *índices, ícones ou símbolos*. Estes caracterizam não só o plurilingüismo italiano, mas também atestam a manutenção do arcaico e da tradição, por meio dos hábitos sociolingüísticos. Pela constatação da continuidade do emprego de formas greco-latinas, assim como de seus reflexos nos dialetos locais, Levi retrata com autenticidade de pesquisa, o apego do homem meridional ao seu passado e a imobilidade espaço-temporal do “Mezzogiorno” (Sul da Itália).

II

Nascido em Turim (Itália Setentrional), Levi foi médico e pintor, além de escritor, e dedicou-se também à política, tendo sido exilado como anti-fascista (1935/1936), nas terras da Lucania (Itália Meridional). Neste período, amadureceu ainda mais sua consciência social e definiu para sempre sua participação, como ser humano e escritor, na causa meridionalista, ou seja, na denúncia das desigualdades norte/sul em seu país.

Sua original postura de artista plástico, uma sensibilidade acentuada e o profundo interesse pelos problemas da humanidade caracterizam sua produção literária em geral. Entre outras obras destacam-se:

Cristo si è fermato a Eboli (1945), *L’Orologio* (1950), *Le parole sono pietre* (1955), *Tutto il miele è finito* (1960), *Il Bosco di Eva* (1935-1972).¹

¹ Sempre que houver referência às obras citadas, serão utilizadas as seguintes abreviaturas, na ordem mencionada acima: CE, ORO, PP, MF e BE.

Para compreender como Levi edifica seus textos, é necessário ter em mente que cada palavra e cada estrutura significante (objeto, som, paisagem) tem, além do significado explícito, aquele implícito, que resulta, muitas vezes, de uma levantamento filológico-arqueológico e de uma intenção mais ampla de representação:

“Levi parte de um caos que é o inexprimível, a matéria sem nome, e exprimir-se é para ele esclarecer a si mesmo, sair daquela escuridão.” (2)

Pinceladas coloridas e palavras confundem-se na narrativa de Carlo Levi, assim como em sua obra poética (*Il Bosco di Eva*). Do ondular das cores e suas gradações, das manchas e contornos, surgem elementos que delimitam espaços e definem fatos, enriquecendo-os nos mínimos detalhes, que ganham particular valor, metafórico, dramático, às vezes patético.

(1) As citações referentes ao tema de estudo foram traduzidas pela autora deste artigo.

(2) Vivarelli: 1990, p.224

III

Neste processo de re-criação do real, tornam-se núcleos fundamentais de significação o vento, o sol, a lua e as nuvens, as festas locais, as superstições. A linguagem é ressaltada pelo escritor, em primeiro plano, como signo do arcaico e da tradição, diante de um pano de fundo repleto do transcendental e do maravilhoso.

Não só as cores, mas adjetivos em geral, em um jogo de analogias e oposições, enfatizam detalhes que se tornam simbólicos, organizando em campos semânticos conceitos e mensagens recorrentes, como a convivência natural com a morte e a presença do arcaico no presente - *índice* (1) da tradição, diante do caráter muitas vezes homogêneo e

subterrâneo do sul italiano, passando pela aridez do solo e a dureza das pedras e dos homens:

“Tudo parece selado naquele silêncio(...), a sombra crescente envolve os carvalhos, distantes (ovelhas, talvez, tomadas pelo temor ou pelo sono, ou pedras?).” (2)

Principalmente em *Le parole sono pietre*, como o próprio título demonstra, a linguagem representa, diante dos fatos narrados (resistência à Máfia, na luta pela terra), a própria definição do homem meridional, que precisa fazer da palavra o signo de denúncia, em sua revolta diante de eternas injustiças e desigualdades sociais:

“As lágrimas não são mais lágrimas, mas palavras, e as palavras são pedras.” (3)

Na busca da cor ideal para seus quadros, entrelaça diálogos e reflexões, em um jogo de variações e semelhanças:

“Core meu, frate meu” (4). *Quanto duraria aquele canto de morte fora do tempo?*”(5)

(1) Eco : 1991

(2) Levi, CE, p. 63

(3) Levi, PP, p. 139

(4) “Cuore mio, fratello mio”(Meu coração, meu irmão)

(5) Levi, MF, p. 108

IV

Retratando a situação *língua/dialeto*, realiza levantamentos histórico-sociais de grande representação espaço-temporal, como através do signo dialetal “*sciara*” (1) - *índice* de caracterização ambiental, junto à constatação do processo vida/morte, que se reflete em diversos aspectos da natureza:

Saindo da Catania, a estrada atravessa de repente a “Sciara di Cu-ria”. É uma paisagem maravilhosa e terrível, negra, violeta e cinza, de lava nua ou coberta de líquens, movida por um vento antiquíssimo em ondas encrespadas e bizarras. Em meio à lava surge um novo bairro popular de casas brancas, como uma cidade no deserto. Corremos em meio à “sciara” entre lavas diversas, intactas mesmo depois de séculos, ou já fragmentadas e transformadas: são as plantas que lentamente transformam a pedra em uma terra fértil. De início os fungos, os musgos e os líquens que encrustam de verdes, vermelhos ou cinzas o basalto violeta, e a ele se ligam até que possam germinar dele o cardamomo e depois a giesta, e uma outra espécie de giesta, chamada, em dialeto, “cichiciaca”. Somente depois da giesta aparece o figo da Índia, esta planta da ressurreição, a árvore da lava, verde suave sobre declives de pedra. Depois do figo da Índia vêm as outras plantas: o figo, o pistache, a amendoeira, a oliveira, e por último, a videira. Assim, das plantas que ali nascem, se pode datar a pedra rolada do vulcão, até que uma outra erupção afunde as últimas videiras e as oliveiras e os figos da Índia e as giestas e os líquens, e retorne o deserto de pedra. (2)

Pedras e ossos definem o caráter duro (*fermo/parado*), arcaico (*immobile/imóvel*) e lutuoso (*chiuso/fechado*) do espaço narrado, passando a ícones de representação: “A região é feita dos ossos dos mortos”(3).

(1) campo de lava (v. ita. *sciare* = deslizar)

(2) Levi, PP, p. 76

(3) Levi, CE, p. 15

V

Levi compõe com as cores predominantes, principalmente em *Cristo si è fermato a Eboli*, preto/branco/amarelo, o quadro que realmente pintou, não só através de seu léxico, mas também com suas

tintas, em uma produção pictórica que acompanhou sua estadia no sul italiano (Gagliano-Lucania):

“Naquela luz difusa e fria das nuvens, as coisas pareciam mais relevantes e talvez menos tristes em sua monotonia do que sob o ardor cruel do sol: era o tempo que preferia para o meu quadro.” (CE, p.119)

Terra, palavra-símbolo do espaço meridional, dona da vida e da morte, atende a diversas intenções, afinando-se muitas vezes com a figura da mulher. *Pedra, montanha, gruta e útero* se confundem no motivo da fertilidade, ou se identificam com o homem, ligado a seu trabalho com o solo:

“É um enorme bloco de pedra dentro do qual (...)espaços (...) pequenos e tenebrosos, como se os antigos reis quisessem construir um escuro útero materno de pedra.” (1) (2)

“Pintei-a também, em um grande quadro, deitada, com sua criança nos braços(...)Era como uma montanha batida pelo vento e sulcada pelas águas.” (3)

“Homens cobertos de terra, com os braços e as mãos encrustados de terra, e terra sobre os rostos brancos, sobre as camisas rasgadas, sobre as calças, sobre os pés nus.” (4)

“A sua cor (aquela dos camponeses) é uma só, a mesma de seus olhos tristes e de suas roupas, e não é uma cor, mas a obscuridade da terra e da morte.” (5)

(1) Levi, CE, p. 119.

(2) Descrição de um *nuraghe*, arcaicas construções, de origem ainda pesquisada, existentes na Sardenha. Levi, MF, p. 63.

(3) Levi, CE, p. 134

(4) Levi, CE, p. 31

(5) Levi, CE, p. 119

VI

O aspecto uniforme do ambiente meridional envolve assim os homens, as mulheres e as crianças, em seu caráter coletivo, sem uma consciência individual, colocando-os no mesmo nível dos animais, das pedras e das plantas:

“Já conhecia muitos destes lavradores de Gagliano, que à primeira vista parecem todos iguais, pequenos, queimados pelo sol, com os olhos negros que não brilham, como janelas vazias de um quarto escuro.” (1)

“...umas trinta mulheres, juntas como um rebanho(...): negro e marrom...”(2)

“... crianças sentadas à soleira das casas, na sujeira, ao sol que queimava, com os olhos semi-serrados e as pálpebras vermelhas e inchadas; e as moscas posavam em seus olhos, e eles permaneciam imóveis...”(3)

“Uma estrutura que permanece imutável(...), a comunhão e quase identificação com os animais e as pedras.”(4)

Ainda ligados ao motivo “terra e gente” encontramos outros aspectos, retratados em sua aparência uniforme ou variada, como *descrições do horizonte, da vegetação e das casas*, compostos como quadros, com indicações de cores, temas e iluminação:

“Uma extensão de colinas e de campos branco-amarelados, com raras árvores cinza, e as primeiras casas brancas e cinzas do vilarejo.” (5)

“As argilas se precipitavam em direção a Agri, em cones, grutas, anfractos, depressões, diversificadas bizarramente pela luz e pela sombra.” (6)

“Sobre as argilas brancas, as pequenas manchas de verde, espelhadas aqui e ali, brilhavam ao sol, ainda mais intensas e mais estranhas, como gritos.” (7)

“...mas a terra, que sempre havia visto cinza e amarelada, estava agora toda verde, de um verde sem naturalidade e imprevisível.” (8)

(1) Levi, CE, p. 70

(2) Levi, CE, p. 79

(3) Levi, CE, p. 76

(4) Levi, MF, p. 72

(5) Levi, CE, p. 101

(6) Levi, CE, p. 187

(7) Levi, CE, p. 224

(8) Levi, CE, p.20

VII

“Nada mudava na paisagem : as argilas se estendiam cinzentas ao redor, como sempre.”(1)

“Agora, ao contrário, o ar estava fresco : mas a paisagem não havia mudado : apenas, de amarelada, se havia tornado acinzentada.” (2)

Carlo Levi utiliza as mudanças climáticas e o círculo noite/dia, simbolicamente, assim como outros dados ambientais, como o vento, para representar motivos ligados ao tema central da dura paisagem meridional:

“Tudo aquilo que carece de cor durante o dia, se mostra ao contrário ao anoitecer, que é afogueado e esplêndido : mas dura poucos minutos, e rápido chega a noite.” (3)

“O vento soprava nas estradinhas vazias, os montes curvavam os dorsos negros sob o céu noturno.” (4)

Céu também é palavra-chave em Levi, que o pinta e descreve com riqueza de detalhes, ressaltando signos como *lua, sol e nuvens*:

“O pálido ouro do sol e o azul claro do céu nos acompanham.” (5)

“Uma grande e tênue lua, transparente, irreal, estava sobre as oliveiras cinzas e as casas, no ar rosado, como um osso de siba (molusco) corroído pelo sal à beira do mar.”*(6)

“Um último véu de rosa, de púrpura e de violeta aparecia no céu cinza do frio anoitecer, sobre o amarelo infernal da terra.” (7)

“Aqueles cores desciam das nuvens, moviam-se docemente, como uma mulher que acorda, enchiam o ar e parecia que o fizessem denso como uma água transparente(...) e parecia que navegavam barcos cheios de velas, naquela água do céu.” (8)

(1) Levi, CE, p. 216

(2) Levi, CE, p. 153

(3) Levi, CE, p. 101

(4) Levi, MF, p.43

(5) Levi, MF, p. 112

(6) Levi, CE, p. 67

(7) Levi, PP, p. 47

(8) Levi, ORO, p. 13

VIII

De grande importância para a compreensão dos temas ligados à terra, descritos pelo escritor, são signos como *ossos, pedras e ovelhas - ícones de cor local*, que orientam a narrativa para o tema principal que é a imobilidade no tempo, uniformidade e aridez do solo meridional:

“Passamos sob rochas eretas, em depressões largas, onde as ovelhas distantes se confundem com as pedras.”(1)

“Pedras, rochas, ovelhas,(...) têm a mesma cor, o mesmo esbranquiçado leve,(...), a cor dos sóis passados há séculos, dos ossos antigos queimados pelo sol.” (2)

“Aquele região é então para mim uma imagem, uma forma, um nome que une uma realidade múltipla de animais e de pedras no imóvel ondular dos rebanhos do tempo.” (3)

No reconhecimento do solo meridional italiano, Carlo Levi destaca contrastes que evidenciam a possibilidade, ainda que remota, de renovação. Retoma sempre o tema da eterna repetição, definindo o aspecto circular da vida meridional- vida/morte-, representado em sua narrativa pelos *índices ambientais aridez/vegetação*: “*Sobre as argilas brancas, as pequenas manchas de verde, (...) como gritos.*” (4)

A produção pictórica de Carlo Levi, assim como sua narrativa meridional, privilegia certos signos ambientais, dos quais compõe com detalhes os campos simbólicos. Formas e cores são retratadas em seu aspecto uniforme e gradativo, acompanhando estados de espírito, descrições faciais, quadros de pôr-do-sol ou noites de luar.

(1) Levi, PP, p. 39

(2) Levi, MF, p. 6

(3) Levi, MF, p. 97

(4) Levi, CE, p. 224

IX

Estas imagens e descrições baseiam-se predominantemente em dois aspectos principais, quais sejam:

a) simplicidade e uniformidade :

“*Aqui **nenhum** contraste interrompe o horizonte sempre igual*” (1)

“*...somente **uma extensão uniforme** de terra abandonada...*”(2)

“*Como a cor é mais **contida e modesta**(...) **Humildes** são as cores desta terra!*” (3)

“*Todos se comportaram de forma perfeita: os lavradores, os senhores, as autoridades, os deputados (...), os comunistas, os padres, os parentes, e por fim as cabras e os asnos, e os cães, e por fim as moscas.*” (4)

“*Os campos, **iguais** em toda a parte...*” (5)

“*... as casas isoladas e espalhadas, **geométricas, brancas.***” (6)

“*As cidades se sucedem, **simples** como **rebanhos** de casas, (...), e por toda parte, os rebanhos.*” (7)

“*Estavam imóveis ao sol, como um **rebanho** no pasto...*” (8)

b) contrastes e gradações :

“poucos álamos, que parecem estranhamente *pertencer a uma outra paisagem*.” (9) “... o mar era uma *negra planície*, (...) *esbranquiçado na sombra, como feito de ossos queimados*.” (10)

“O *alternar-se das arquiteturas, a diversa coloração das distâncias, o signo agitado e corrido do vento sobre o mar dão uma imagem movimentada de águas e de pedras que brilham*.” (11)

(1) Levi, CE, p. 101

(2) Levi, CE, p. 149

(3) Levi, CE, p. 26

(4) Levi, PP, p. 157

(5) Levi, ORO, p. 256

(6) Levi, PP, p. 35

(7) Levi, MF, p. 60

(8) Levi, CE, p. 41

(9) Levi, CE, p. 149

(10) Levi, MF, p. 23

(11) Levi, MF, p. 58

X

A convivência entre as classes, assim como entre homem e animal, está fundamentada nos usos, nas tradições e na rotina imutável da vida camponesa:

“Era aquele esquema clássico, a recordação de uma arte antiga, reduzida ao pobre resíduo da arte popular, ou um espontâneo, originário renascer, uma linguagem, natural nestas terras, onde a vida é uma tragédia sem teatro?” (1)

Levi ressalta o contraste entre aqueles que produzem, sem esperança de progressão social e aqueles que desfrutam, inconscientes das necessidades básicas da população menos privilegiada: “Assim se estabeleceu aquele *modus vivendi*, que durou depois para sempre.” (2)

Neste esquema insere-se a dicotomia língua/dialeto, como *símbolo* máximo de representação ambiental, reforçando o tema sociolinguístico:

“...continuadamente navegam pedaços de frase, modos lógicos inusitados da linguagem comum das outras partes da Itália; ouço dizer: “con cui”, “del quale”, “dopo i quali”: ligações lógicas de um pensamento raciocinado e naturalmente complexo, herança popular da antiga clareza grega.” (3)

A constatação da diversidade linguística leva o leitor à compreensão do tema principal que é o da desigualdade social do “Mezzogiorno”:

“Falou de sua “mogliera” (...)disse : sou filho de um pobre sapateiro que deixou Isnello sem cinco moedas “dint’a sacca” ” (4) (5)

“É a “Vucceria”(6). Venha o seu nome de “boucherie” como querem alguns filólogos, ou mais simplesmente de “voce”, “voceria”, como sustentam outros...” (7)

(1) Levi, CE, p. 23

(2) Levi, CE, p. 207

(3) Levi, PP, p. 107

(4) “mogliera” = moglie (esposa); “dint’ a’ sacca” = “dentro il sacco” (dentro do saco ou bolso)

(5) Levi, PP, p. 22

(6) = “vocio” (falação, vozerio)

(7) Levi, PP, p.104

XI

“‘Ninte’(1) - como dizem em Gagliano. O que comeste? ‘Ninte’- O que esperas? ‘Ninte’; ‘A outra palavra, (...) é ‘crai’, o ‘cras’ latino, amanhã.(...)Mas ‘crai’ significa ‘mai’” (2)

“‘Como a linguagem engana, com as suas internas contradições! Nesta ‘landa’(3) atemporal, o dialeto possui as medidas de tempo mais ricas do que aquelas de qualquer língua(...)’crai’ é amanhã, é

sempre; mas o dia depois de amanhã é ‘pescrai’ e o dia depois ainda é ‘pescrille’, depois vem ‘pescruflo’, e depois ‘maruflo’ e ‘maruflone’; e o sétimo dia é ‘maruflicchio’. Mas esta exatidão de termos tem mais do que tudo um valor de ironia.” (4)

Neste processo de reconstrução após dissecação e compreensão daquela realidade, “palavras são pedras” que, pela análise dos campos semânticos mostram sua força de representação sócio-cultural:

“O imaginário real (figuras, faces, focinhos de animais, árvores, frutas, céus, montes, luz, espaço) era o seu único universo.” (5)

Diretamente ligada a esta caracterização, destacamos a representação da compresença temporal, ou seja, a constatação da convivência passado arcaico e presente. O escritor utiliza neste “quadro” objetos, utensílios domésticos e amuletos, que, junto a outros dados, simbolizam a permanência da tradição como fator de unificação social e ao mesmo tempo da estagnação ambiental, como *relógio*, *símbolo* permanente de caracterização, ligado ao tema da imobilidade e da compresença temporal, ou *escavadores*, *índice* constante na representação da “busca” e da presença do passado:

“(...)todos estes relógios têm uma história sua, familiar e paterna(...)” (6)

“Paramos a olhar os escavadores. A terra está cheia de fragmentos de vasos antigos(...)” (7)

(1) “Ninte” = “niente” (nada)

(2) Levi, CE, p. 163

(3) “landa”= terra

(4) Levi, CE, p. 184

(5) Vivarelli, p. 10

(6) Levi, ORO, p. 11

(7) Levi, MF, p. 22

XII

A necessidade de explicar de alguma forma o sofrimento, a solidão e a injustiça leva o homem meridional a manter certos hábitos e crenças locais, que fortalecem sua **religiosidade** e a unidade familiar e atenuam o medo da morte, que para a gente meridional está presente em toda parte, desde a aridez do solo até o olhar sem esperança das crianças:

“O terreno estava repleto de ossos, que floresciam das velhas tumbas, que as águas e os sóis haviam consumido(...)os ossos, os mortos, os animais e os demônios eram coisas familiares, ligadas, como são, de resto, aqui, para todos, à simples vida de todos os dias.” (1)

“Além dos abracadabra, havia (...) sinais cabalísticos, astrológicos, imagens de santos, moedas, dentes de lobo...” (2)

Portanto, pela análise das recorrências lexicais da narrativa e da poesia levinista, podemos definir como super-signos marcadores do espaço meridional: “terra”, “casa” “gruta”, “pedra”, “ossos” e “ovelhas”, que têm sua significação ampliada e reforçada pelas cores predominantes na composição da “cor local”: “negro”, “branco”, “cinza”, “vermelho” e “amarelo”:

“O grande inverno havia fixado cada coisa na imobilidade das pedras(...)As rochas e as plantas eram como ossadas brancas e negras, variadas e pintadas pelo gesto obstinado do ar em redemoinho.” (3)

“...aquelas cores áridas e violentas, aqueles contrastes de branco e de amarelo e de vermelho(...)são aquelas dos quadros de Guttuso, que aqui nasceu(...)se pode ver como a sua pintura seja verdadeira e fiel à terra.” (4)

(1) Levi, CE, p. 61

(2) Levi, CE, p. 213

(3) Levi, MF, p. 143

(4) Levi, PP, p. 35

XIII

A mesma importância da estrutura cromática do léxico levinista encontrada em sua narrativa pode ser constatada em sua produção poética - *Il bosco di Eva* - (1) que, por seu intenso lirismo apresenta nuances e contrastes de luz e sombra mais profundos:

“Pelas estradas sem gente, sol/ e sombras curtas/ e passos lentos e vãos. Tudo é vazio/ e sabido, e conhecido,/ e calmo e ordenado, de uma morte/ que apagou dos lábios as palavras.” (2)

Assim, constatamos que, pela natureza da relação mantida por determinados signos levinistas com a realidade do espaço meridional, podemos seguir o caminho dos *índices, ícones e símbolos ambientais* na identificação do tema desenvolvido por Carlo Levi, ou seja, a representação, através de sua escritura, do caráter pictórico do solo meridional italiano.

(1) Miccinesi, p. 115

(2) Levi, BE, p. 20

Referências bibliográficas

- ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo; Ática, 1991.
- LEVI, Carlo. *Le parole sono pietre*. Turim; Mondadori, 1986.
- _____. *Tutto il miele è finito*. Turim; Einaudi, 1990.
- _____. *Cristo si è fermato a Eboli*. Turim; Einaudi, 1990.
- _____. *L'orologio*. Turim; Einaudi, 1974.
- MICCINESI, Mario. *Invito alla lettura di Carlo Levi*. Milão; Mursia, 1989.
- VIVARELLI, Pia. *Carlo Levi e la Lucania. Dipinti del Confino(1935-36)*, Matera; De Luca Edizioni d'Arte, 1990.